

## CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA NEOLITIZAÇÃO NO ALENTEJO CENTRAL: O POVOAMENTO MAIS ANTIGO NA ÁREA DE MORA (PORTUGAL)

Leonor Rocha<sup>1</sup>

### **Resumo:**

Os povoados da Barroca 1 e da Chaminé 3, localizados junto à várzea da ribeira da Raia, foram identificados em 2005 por Leonor Rocha e Manuel Calado, no âmbito dos trabalhos realizados com vista à elaboração da Carta Arqueológica do concelho de Mora (Calado, Rocha e Alvim, 2012).

Nos anos de 2006 e 2007, as sondagens realizadas nos dois povoados trouxeram novos dados sobre o povoamento e a relação Mesolítico/Neolítico desta região. Apesar de se tratar de locais muito perturbados por sucessivos episódios de afetações de carácter agrícola/florestal, a estratigrafia observada e os materiais recolhidos apontam para uma ocupação que se terá iniciado no Mesolítico e terminado algures no Neolítico médio.

**Palavras-Chave:** Mesolítico; Neolítico; Povoamento; Mora

### **Abstract:**

The archaeological sites of Barroca 1 and Chaminé 3, located near the river Raia, were identified in 2005 by Leonor Rocha and Manuel Calado, in the work done on the preparation of the Archaeological Sites of the municipality of Mora (Calado, Rock and Alvim, 2012).

In 2006 and 2007, surveys carried out in two sites brought new data on the settlement and the relationship Mesolithic / Neolithic this region. Although it places very disturbed by successive episodes of affectations of agricultural / forest character, the stratigraphy observed and materials collected indicate un occupation that have started in the Mesolithic and finished somewhere in the middle Neolithic.

**Key-words:** Mesolithic; Neolithic; Settlements; Mora

---

<sup>1</sup> Universidade de Évora/ CHAIA [2016] - Ref.ª UID/EAT/00112/2013 [CHAIA/UÉ 2014] - [Projeto financiado por Fundos Nacionais através da FCT/Fundação para a Ciência e a Tecnologia].lrocha@uevora.pt

## 1. ANTECEDENTES

O estudo da génese e evolução das primeiras sociedades camponesas tem, à semelhança dos trabalhos realizados sobre outras cronologias, passado por diferentes etapas que se traduziram, nuns casos pelo aumento significativo dos dados conhecidos e, noutros, por uma estagnação da própria investigação sobre o tema.

Este início do séc. XXI traduz-se por uma época de grandes descobertas científicas que vêm pôr em causa o que se encontrava, de certa forma, estabelecido devido sobretudo aos trabalhos que se têm vindo a realizar no âmbito das grandes obras públicas e privadas. Mas, paradoxalmente, à medida que se fazem mais trabalhos no interior e se obtêm mais datações, mais complexo se parece apresentar o problema. De facto, o estudo do Neolítico do interior, não pára de nos surpreender pela diversidade e complexidade de estruturas, o que vem colocar em causa não só as capacidades tecnológicas destas sociedades, como também a sua evolução, desde o Mesolítico.

As recentes escavações de sítios do Neolítico antigo localizados quer no litoral, como a Amoreira (Muge), Cova da Baleia (Mafra) e Salema (Santiago do Cacém), quer do interior, como o Habitat do Reguengo (Alter do Chão), Barroca 1 (Mora), Xarez 12 (Reguengos de Monsaraz) e Defesa de Cima 2 (Évora) são exemplos desta complexidade devido à existência de estruturas de combustão e/ou armazenagem, buracos de poste, empedrados, estruturas negativas/ silos (algumas das quais revestidas a cerâmica), estruturas circulares, etc. (Diniz, 2003; Gonçalves, 2003; Oliveira, 2006; Santos e Carvalho, 2006; Soares e Silva, 2003; Sousa, 2008) que, nalguns sítios, poderá ainda recuar ao mesolítico.

No que diz respeito ao povoamento mais antigo no concelho de Mora, a relação dos povoados da Barroca 1 e Chaminé 3 (Rocha, 2009a, 2009b; Alvim, 2012; Calado, 2012a, 2012b), com o recinto megalítico das Fontainhas e as sepulturas proto megalíticas da Barroca (atualmente destruídas), parece indiscutível, atendendo à paisagem em que se inserem (Mapa 1).

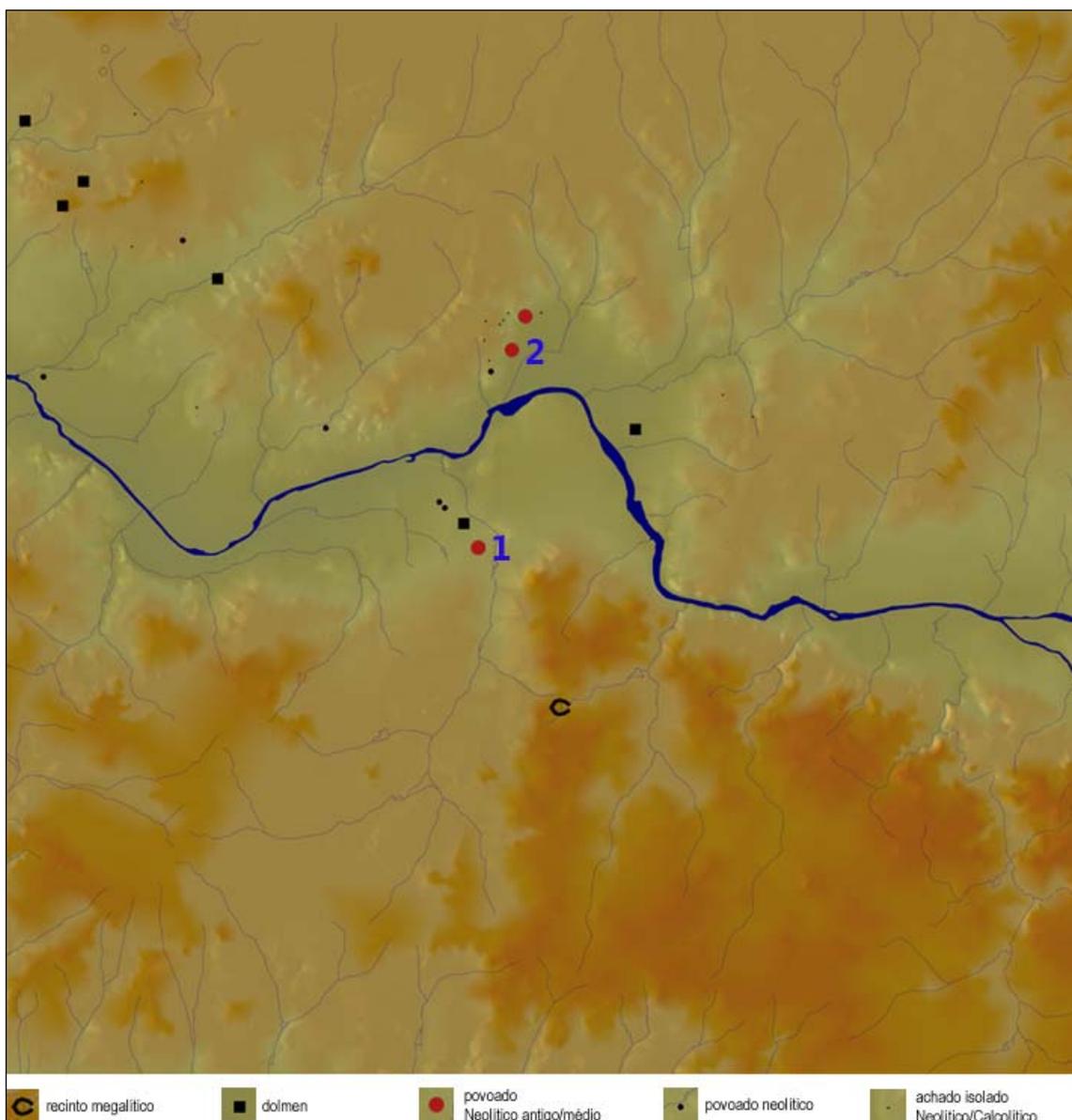


Fig. 1. Contexto arqueológico e paisagístico dos povoados de Barroca 1 (1) e Chaminé 3 (2). Cartografia: Pedro Alvim.

## 2. CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS: SÍTIOS E CARACTERÍSTICAS

### *Barroca 1*

O povoado da Barroca 1 situa-se nas proximidades da vila de Mora (Folha 394/395 CMP 1: 25000) e foi identificado por L. Rocha e M. Calado em 2005, no decorrer dos trabalhos de prospecção arqueológica na área envolvente ao recinto megalítico das Fontainhas (Mapa 1).

O povoado que aparentemente se estende por uma área de cerca 20 ha (atendendo aos vestígios existentes à superfície), numa lomba suave, perpendicular ao

curso da Ribeira do Raia e orientada mais ou menos N-S. Os solos são arenosos e encontram-se actualmente a servir de estacionamento de gado vacum.

Os materiais de superfície, recolhidos em 2005, resumiam-se a alguns bordos simples e a um fragmento de cerâmica decorada com caneluras, para além de algumas lascas de sílex, percutores e um dormente de mó manual. O sítio apresentava uma fraca visibilidade dos solos, devido ao pasto. A fim de avaliar o potencial arqueológico do sítio e obter uma caracterização cronológica e cultural dos vestígios identificados à superfície, foram realizados trabalhos de escavação nos anos de 2006 e 2007, dirigidos por L. Rocha e M. Calado (Rocha, 2009b; Calado, 2012a, 2012b).



Fig. 2. Localização da Barroca 1 com implantação das principais sondagens

Foram marcados 9 corredores lineares, com 30m de comprimento e 1m de largura, equidistantes 50m, que se iniciavam próximo do limite do eucaliptal ainda existente e terminavam junto da EN2. Dentro destes corredores foram marcadas 3 sondagens, intercaladas, identificadas com as letras a, b e c, e orientadas E-W. Inicialmente todas as sondagens tinham 1m<sup>2</sup> sendo que duas delas (a 8 e a 9) acabaram por ser substancialmente alargadas em função dos vestígios encontrados; outras foram abandonadas (2b e 2c) devido à permanência de gado bovino no local cuja passagem diária veio a afetar (e mesmo a destruir) algumas das sondagens, qua acabaram por ser abandonadas. Devido a estas dificuldades acabaram por ser abertas apenas as sondagens:

1 (quadrados a, b, c), 2 (b, c), 7 (a, c), 8 (a, c – posteriormente alargada numa área única de 24m<sup>2</sup>) e 9 (a, b – posteriormente alargada numa área única de 9m<sup>2</sup>). Os trabalhos abrangeram assim uma área total de 40m<sup>2</sup>.

Em relação à estratigrafia, foi identificada a mesma realidade em toda a área: i) camada inicial - composta por sedimentos cinzentos, misturados com sedimentos amarelados; ii) camada arqueológica – composta por seixos rolados e algumas estruturas (circulares e silos) e muitos materiais arqueológicos (pedra lascada e cerâmica); iii) camada estéril.

As sondagens realizadas, apesar dos constrangimentos anteriormente apontados, vieram a revelar a existência de um modelo de ocupação que nos suscitou vários problemas interpretativos. De facto, para além da grande similitude em termos de estratigrafia, em todas as sondagens foi possível identificar duas realidades aparentemente muito distintas, mas sem uma nítida diferenciação estratigráfica: uma indústria micro-laminar associada a cerâmicas essencialmente lisas (recolheram-se cerca de meia dúzia de fragmentos decorados, com caneluras, sulco abaixo do bordo e mamilos), nódulos de barro cozido e algumas estruturas.

Na sondagem 8, melhor conservada, identificaram-se vários tipos de estruturas, de carácter habitacional: um buraco de poste estruturado com pedras de calibre médio, uma estrutura circular, também formada por pedras de calibre médio, várias estruturas (silos), com aparelho pétreo e forradas com argila, das quais apenas uma se apresentava relativamente bem conservada e restos de prováveis empedrados (Fig. 2). Todas as estruturas identificadas pareciam corresponder a um único nível de ocupação do espaço (estão todas dentro das mesmas cotas altimétricas).

Na sondagem 9, apesar do grau de conservação ser inferior, por estar mais perturbado por fenómenos de bioturbação, foi possível identificar em quase toda a área restos de empedrado, associados a nódulos de barro cozido, muito dispersos, parecendo existir restos ainda de 3 silos: um no canto SE, outro sensivelmente no centro e outro no limite Norte. Apesar de, como se referiu, não apresentarem o estado de conservação das estruturas identificadas na Sondagem 8, a elevada concentração de pedra miúda, associada a abundantes nódulos de barro, indicia a sua presença (Fig. 3). De salientar ainda que nesta sondagem as estruturas surgem a uma cota ligeiramente superior (cerca de 0,50m) o que poderá também explicar a sua maior degradação.

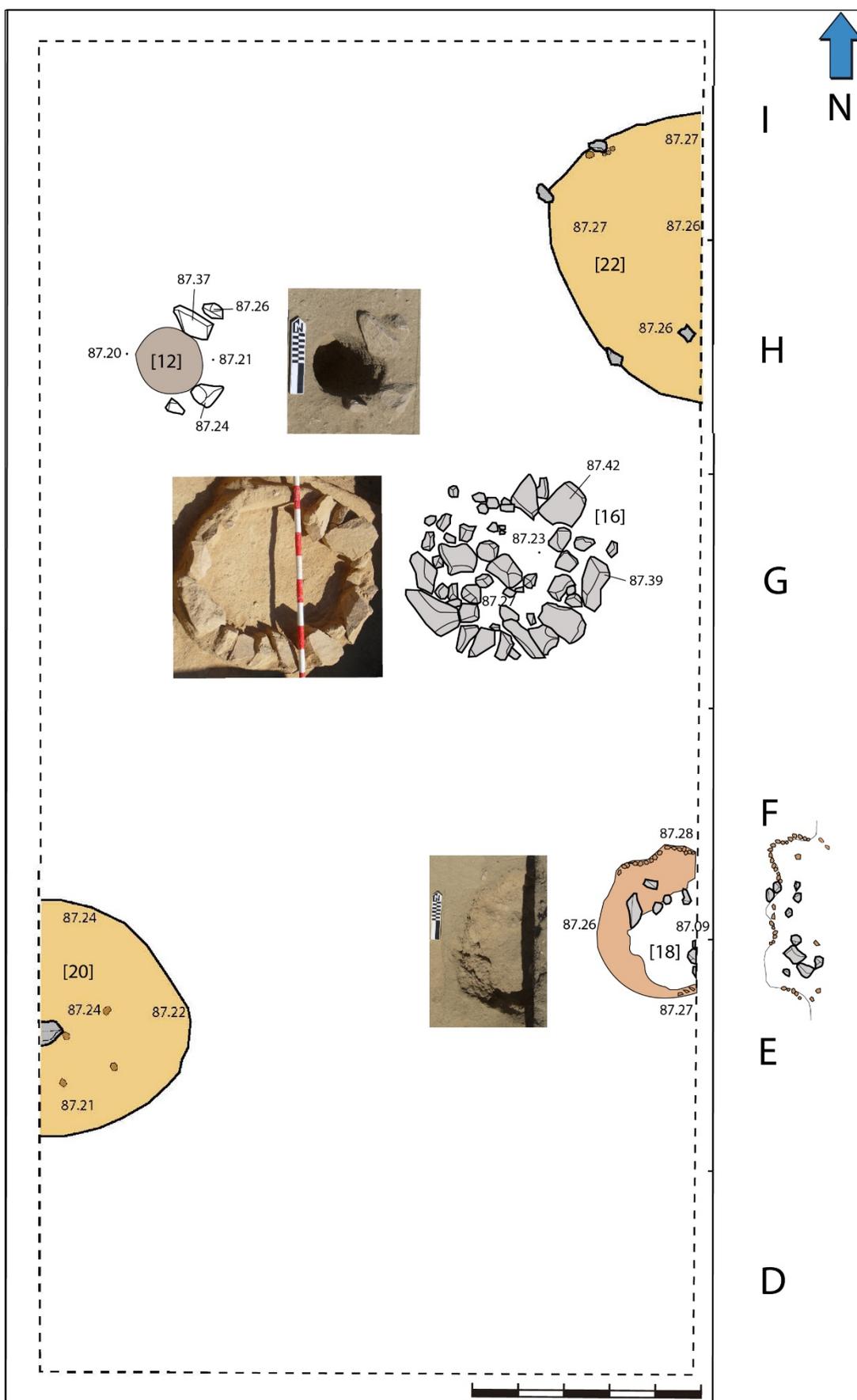


Fig. 3. Planta final ilustrada da Sondagem 8, com as estruturas identificadas: [12] – buraco de poste; [16] – estrutura circular; [18], [20] e [22] – silos.

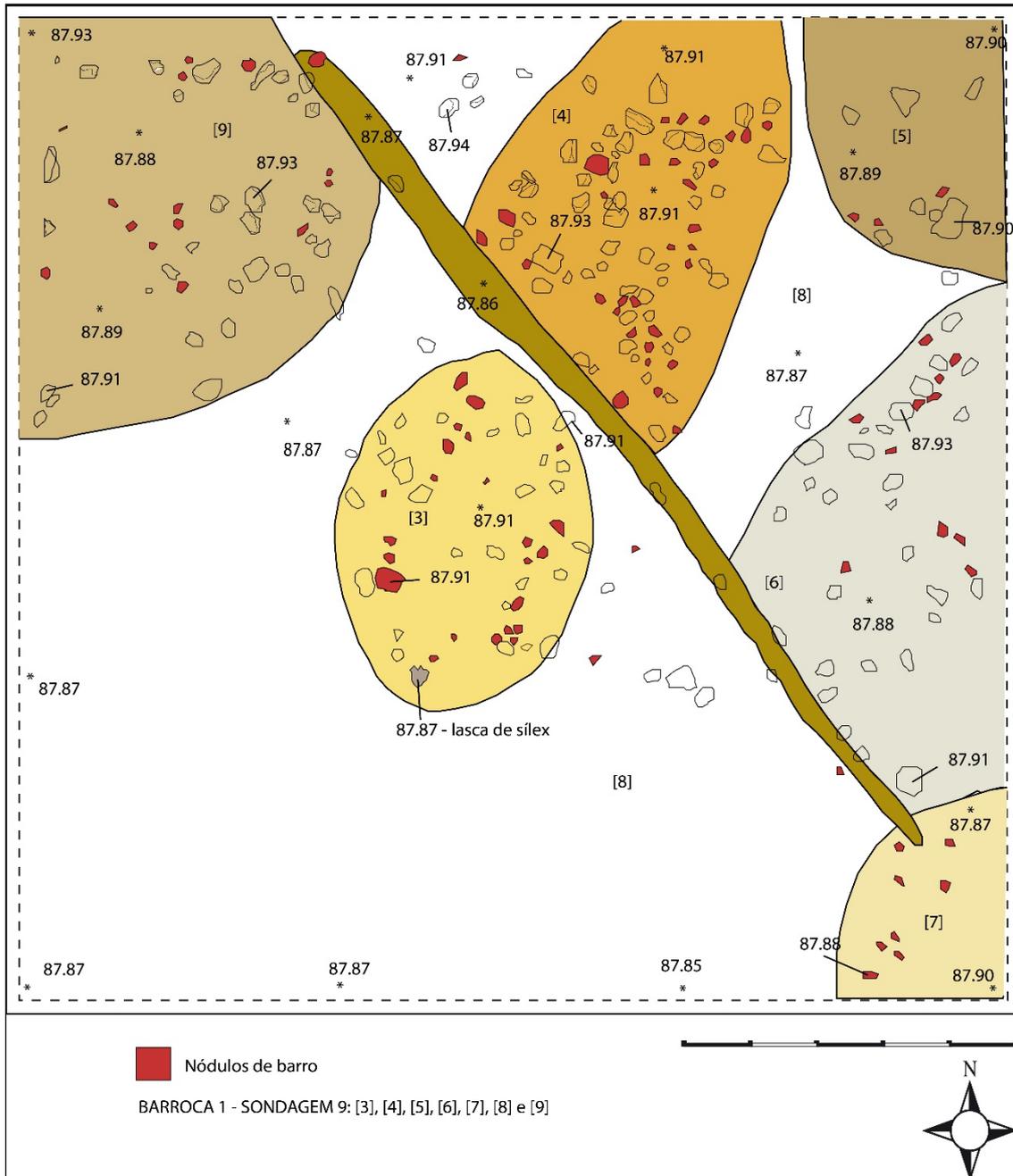


Fig. 4. Planta final da Sondagem 9, com identificação das estruturas identificadas: a [3], [4] e [7] deverão corresponder a restos de silos.

Em relação ao espólio recolhido na Barroca 1, como se referiu anteriormente, existem apenas dois grandes tipos: pedra lascada e cerâmica. Esta indústria de pedra lascada integra-se, aparentemente, nas tradições mesolíticas, destacando-se a presença de geométricos de pequenas dimensões, sobretudo de crescentes, mas também com triângulos estreitos e trapézios assimétricos, de truncaturas. Em termos numéricos realça-se a relativa superioridade dos crescentes (13) face aos triângulos (8) e aos

trapézios (5). Os trapézios são muito semelhantes, em termos de dimensões, aos que se obtiveram na escavação do recinto das Fontainhas, apesar de serem tipologicamente distintos.

Dentro deste grupo são claramente maioritários os restos de talhe e as lascas, o que parece sugerir o talhe local, mas com descorticagem dos volumes noutros locais, atendendo à quase total ausência de lascas corticais.

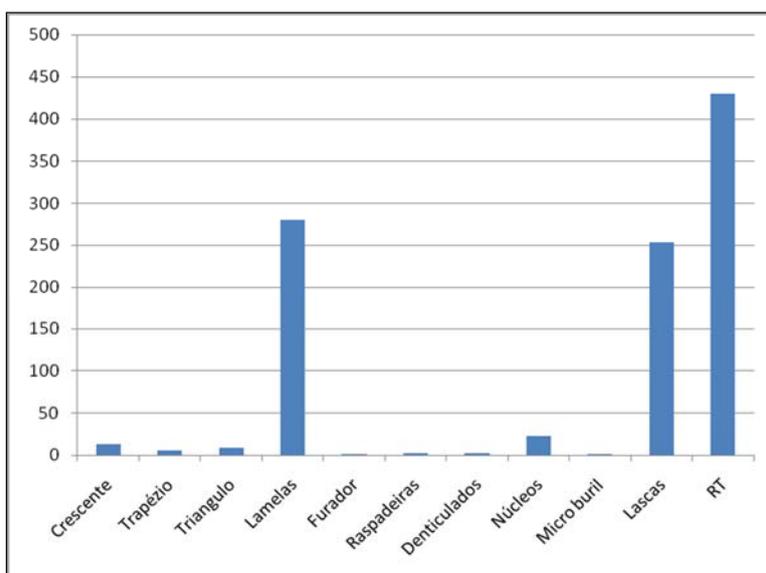


Gráfico 1. Total de Pedra Lascada, por tipos.

Esta indústria micro - laminar, aparentemente mesolítica (ou de tradição mesolítica) foi identificada em todas as sondagens realizadas.

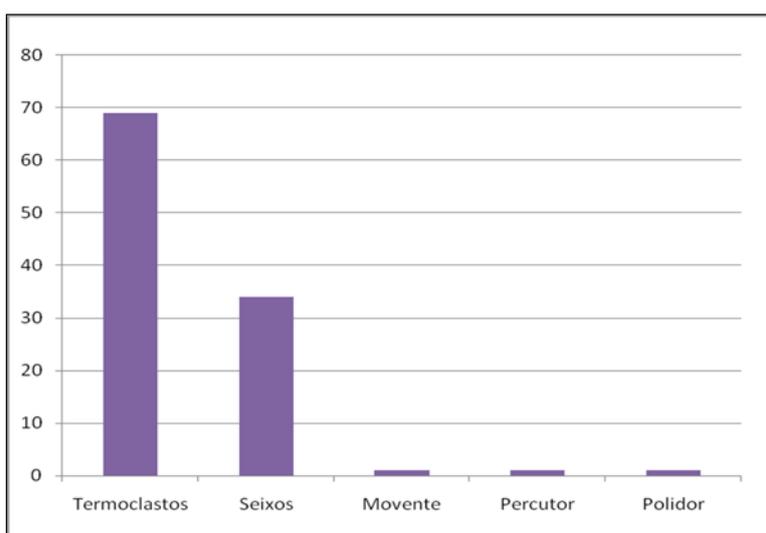


Gráfico 2. Total da indústria lítica, por tipos.

Para além da pedra lascada foram ainda recolhidos abundantes termoclastos e seixos, de pequenas dimensões.

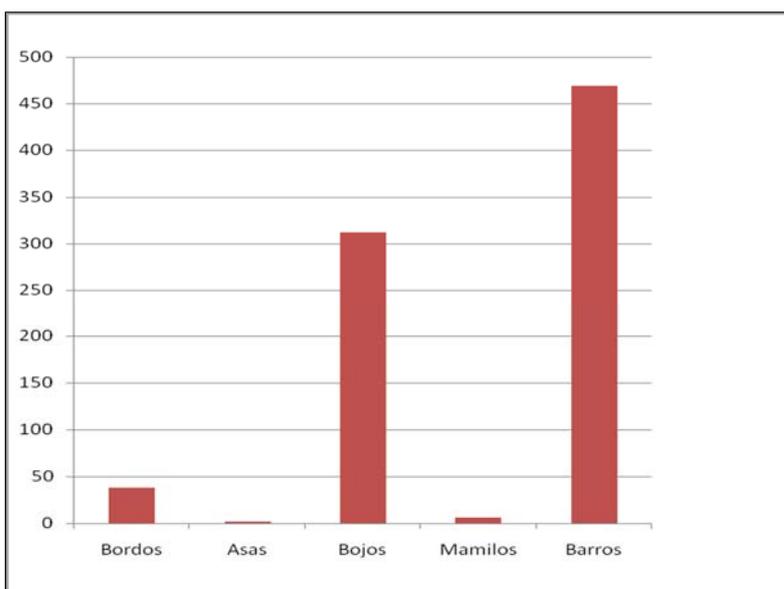


Gráfico 3. Total de cerâmicas recolhidas, por tipo.

A análise do gráfico anterior permite perceber o elevado número de fragmentos de nódulos de barro recolhidos, resultante, muito provavelmente, da destruição dos silos identificados.

Também o número de bordos e de bojós é relativamente elevado. Como se referiu, a cerâmica decorada é residual.

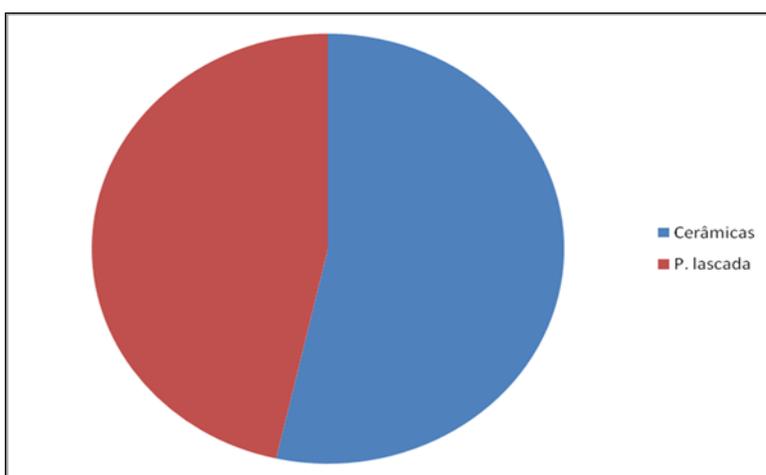


Gráfico 1. Relação cerâmica/pedra lascada.

O total do espólio arqueológico recolhido na Barroca 1, à exceção dos termoclastos, que não se encontram contabilizados no gráfico 5, permite perceber que

tanto as cerâmicas e os nódulos de barro, como os líticos, se encontram desde as camadas superficiais, até às mais profundas.

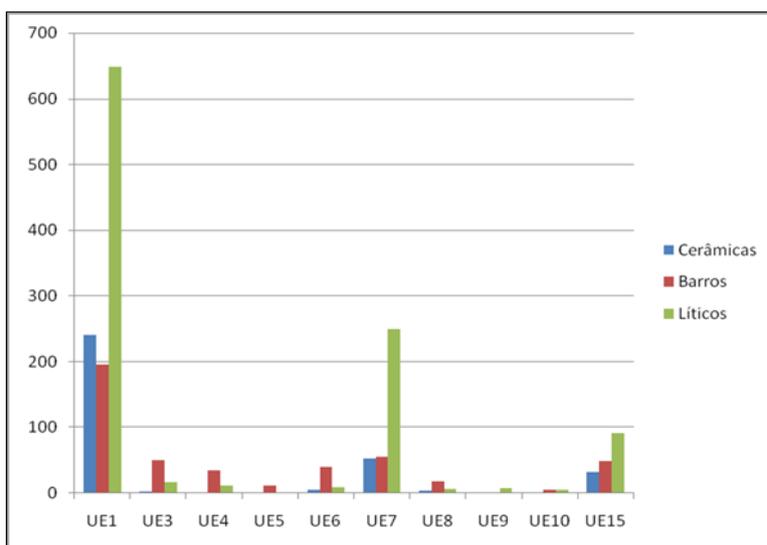


Gráfico 2. Total de espólio, por U.E.

A total ausência de restos faunísticos, restos humanos e carvões não nos permitiu realizar qualquer tipo de datação de radiocarbono, o que dificulta a interpretação das estruturas e integração cronológica.

### *Chaminé 3*

O povoado da Chaminé 3 encontra-se localizado na margem esquerda da ribeira da Raia, numa plataforma pouco elevada sobre a várzea (nº 2 – Fig. 1). O local apresentava abundantes materiais arqueológicos pré-históricos à superfície (essencialmente cerâmicas, muitas delas decoradas) devido a fenómenos de bioturbação. No intuito de se avaliar o potencial arqueológico do sítio e de se obter uma caracterização cronológica e cultural dos vestígios identificados à superfície, foi solicitada a realização de uma escavação de emergência em 2007. Estes trabalhos foram dirigidos por L. Rocha e M. Calado (Rocha, 2009a; Alvim, 2012; Calado, 2012a).

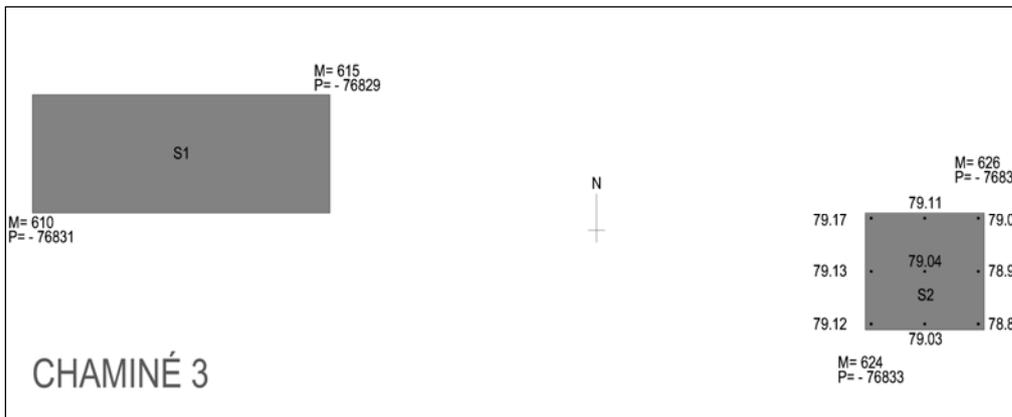


Fig. 5. Planta com as duas sondagens realizadas no povoado da Chaminé 3.

As duas sondagens realizadas na Chaminé 3 (ver Fig. 5) vieram a demonstrar que a estratigrafia se encontrava muito alterada devido à ação dos coelhos cujas tocas se encontravam até grande profundidade, o que provocou destruição de estratigrafias e aparente mistura de materiais. Na Sondagem 1 (com 7m<sup>2</sup>), no entanto, detetaram-se restos muito mal conservados de uma possível estrutura [4], com alguns artefactos associados, tendo sido, aparentemente, atingido o substrato geológico arenoso sem uma melhor definição da estratigrafia. A identificação desta estrutura no canto SW, conduziu ao alargamento de mais um metro, nesta área (Fig. 6).

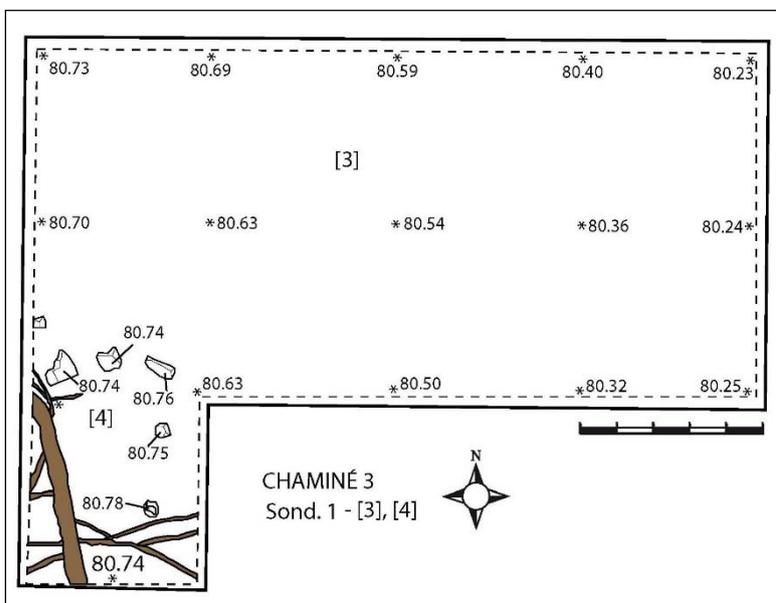


Fig. 6. Planta final da sondagem 1.

O espólio recolhido quer à superfície, quer no decurso das sondagens realizadas, era maioritariamente constituído por fragmentos de cerâmicas (Gráfico 6), com especial

destaque para a presença de cerâmica decorada (Fig.7), nomeadamente um fragmento de cerâmica cardial.

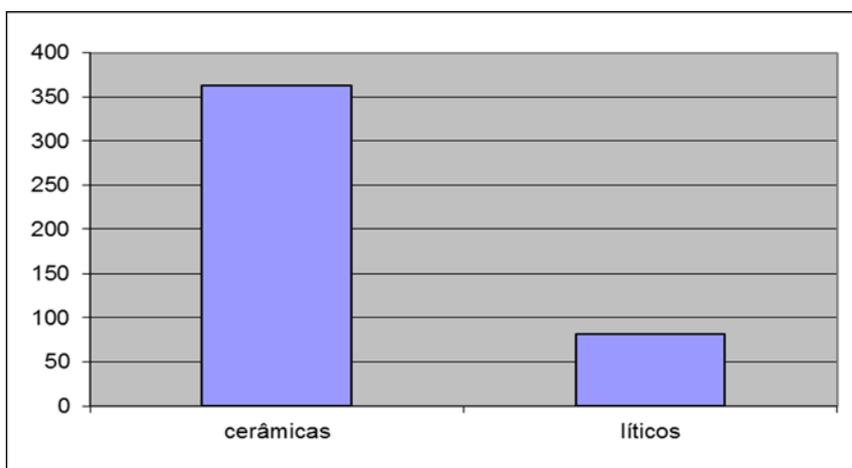


Gráfico 6. Total de materiais recolhidos, por tipo, nas duas sondagens de Chaminé 3.

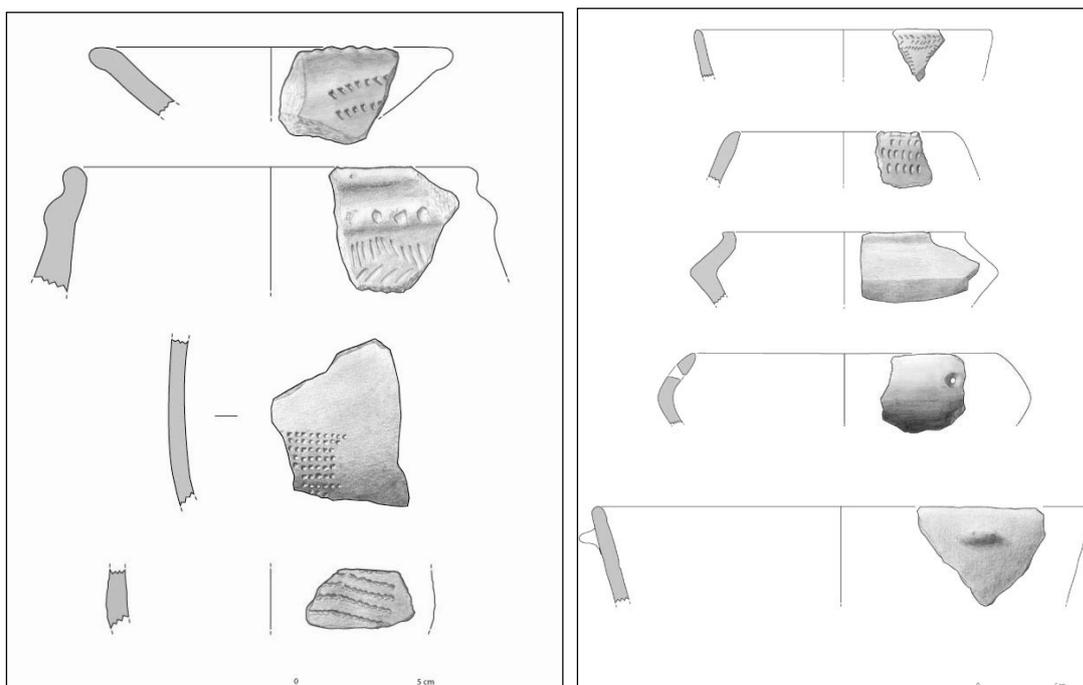


Fig.7. Cerâmica decorada da Chaminé 3 (des. M. Calado).

Em termos gerais, destaca-se ainda que os fragmentos de cerâmica encontrada são, regra geral, de tamanho muito semelhante, com predomínio dos bojos (Gráfico 7). Apenas se encontraram 2 nódulos de barro.

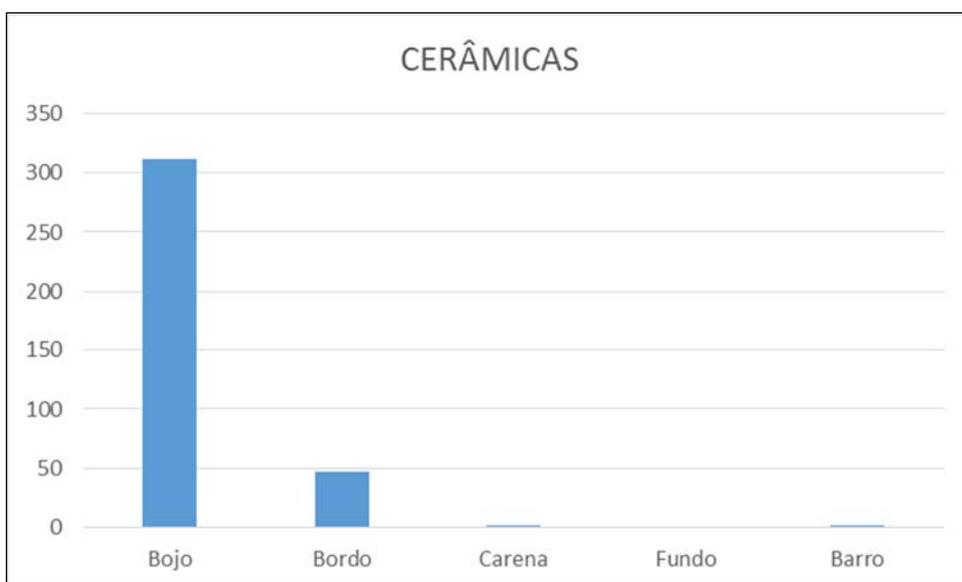


Gráfico 7. Total de cerâmicas recolhidas, por tipo, nas duas sondagens de Chaminé 3.

Em relação aos líticos, para além de algumas lascas, recolheram-se alguns artefactos de sílex, nomeadamente lascas retocadas e lamelas. A inexistência de nódulos não debitados corticais e lascas corticais indicia que, tal como na Barroca 1, se trataria de um local onde se processava apenas um talhe secundário. Foi ainda recolhida uma provável enxó e um percutor.

A escavação do sítio da Chaminé 3 permitiu, genericamente, compreender que se trata de um local profundamente afetado pela ação dos animais. De facto, a presença de tocas a grande profundidade (mais de um metro) permitiu perceber que a quantidade de materiais arqueológicos existentes à superfície resultavam desta perturbação em profundidade (Rocha, 2009b; Alvim, 2012; Calado 2012a).

Para além dos fenómenos de bioturbação anteriormente referidos, que poderão explicar, em parte, a existência de abundantes materiais à superfície e a sua escassez em profundidade, poderá existir ainda um fenómeno geológico de sedimentação e/ou arrasto (terras provenientes do cabeço que se localiza sobre a plataforma, a Oeste), que também pode perturbar a nossa leitura.

Apesar destes fenómenos que, a nosso ver, deveriam ser melhor estudados no futuro, o sítio da Chaminé 3, apresenta um elevado interesse científico no contexto regional. Os elementos de diagnóstico, mais numerosos e significativos, as cerâmicas decoradas, inserem-se genericamente na mesma família das que foram exumadas no

recinto megalítico das Fontainhas. Note-se que, em termos relativos, a amostra proporcionada pela escavação do recinto foi estatisticamente insuficiente, para comparações artefactuais minimamente satisfatórias, o mesmo acontecendo no povoado da Chaminé 3. No entanto, os dados disponíveis apontam para a sua eventual contemporaneidade, dentro do Neolítico antigo.

### 3. UMA LEITURA [REVISTA] DOS DADOS

À medida que o puzzle da Pré-história Recente se vai completando novas interrogações vão surgindo, sobretudo no que se refere às cronologias e à relação entre os últimos caçadores-recolectores e os primeiros agricultores.

Os dados aduzidos pelas escavações realizadas nos sítios da Barroca 1 e Chaminé 3, em Mora (Rocha, 2009a, 2009b; Alvim, 2012; Calado, 2012a, 2012b), ainda que escassos são fundamentais para o conhecimento deste período não só a nível do concelho mas também a uma escala regional uma vez que são as primeiras realizadas para contextos do Neolítico antigo, senão mesmo Mesolítico final, atendendo às características do espólio lítico presente em Barroca 1. Infelizmente, os solos (arenosos) onde se localizam os povoados da Barroca 1 e Chaminé 3 não facilitaram a preservação de material orgânico suscetível de ser datado.

Os escassos dados existentes à época sobre povoados do tipo da Barroca 1 conduziu a interpretações cautelosas por parte de um dos investigadores responsáveis pela intervenção, considerando que a coexistência deste tipo de estruturas a par de cerâmicas essencialmente lisas, com uma indústria lítica de características mesolíticas “(...) obriga-nos a deixar em aberto duas hipóteses de interpretação crono-cultural: ou se trata da sobreposição de um povoado do Neolítico médio num acampamento mesolítico, ou estamos perante a neolitização tardia, talvez em meados do V milénio a. C. (...)” (Calado, 2012b: 111).

Reavaliando a situação a uma escala mais alargada, verifica-se agora, que o problema presente em Barroca 1 possui alguns paralelos com um conjunto de outros sítios recentemente intervencionados que poderão ajudar a esclarecer esta problemática. A nível do Alentejo, as intervenções realizadas no Xarez 12, Carraça 1, Defesa de Cima e Habitat do Reguengo revelaram estruturas de argilas, para além de uma clara superioridade de indústria de pedra lascada face à cerâmica, apesar de ser esta a que

apresenta maior variabilidade em todos os sítios conhecidos (Diniz, 2013; Gonçalves, 2003; Gonçalves, Sousa e Marchand, 2013; Oliveira, 2006; Santos e Carvalho, 2006). Este tipo de realidade também existe a nível do litoral, em locais como a Cova da Baleia ou Salema (Soares e Silva, 2003; Sousa, 2008). Em termos de implantação, apesar de todos os sítios se localizarem em áreas abertas sem defensabilidade natural, existem algumas diferenças, nomeadamente em relação à existência de afloramentos ou se localizarem em áreas aplanadas/vertentes.

No que diz respeito à funcionalidade, os sítios acima referidos poderão apresentar alguma diversidade, ou então, as áreas intervencionadas foram escassas e não permitiram apreender a complexidade funcional destes sítios. De qualquer das formas, não só o número de fornos/silos identificados parece ser bastante desigual (variam entre 2 e os 78) como também dentro da pedra lascada e da cerâmica existem algumas diferenças que podem traduzir diferentes funcionalidades e/ou cronologias. Em relação à pedra lascada, destacamos sobretudo as variabilidades registadas a nível dos geométricos. Para além de, nem em todos os sítios, terem sido identificados os três tipos (crescentes, trapézios e triângulos), quando existem podem aparecer em percentagens completamente distintas, como é o caso do Xarez 12 (trapézios 68%; crescentes 17% e triângulos 5%) e Barroca 1 (crescentes 55%; triângulos 34% e trapézios 21%) (Gonçalves, Sousa e Marchand, 2013). Em termos de cerâmica, a Barroca 1 parece ser um dos locais onde ela até parece estar melhor representada, se bem que maioritariamente com formas lisas (ou apenas com sulco abaixo do bordo).

Se analisarmos as implantações e áreas de ocupação do espaço, aparentemente, deste conjunto de sítios o que poderá possuir mais paralelos com a Barroca 1 é o da Cova da Baleia (Sousa, 2007). De facto, apesar de não se poder fazer uma extrapolação muito concreta devido por um lado a terem diferentes graus de conservação dos vestígios/estratigrafias e das áreas intervencionadas serem substancialmente diferentes, os dois locais apresentam muitas semelhanças em termos de implantação e de área ocupada.

Apesar das datações absolutas serem ainda muito escassas para este tipo de sítios, não permitindo um quadro de evolução das estratégias de ocupação, as 4 datações obtidas para a Cova da Baleia (Mafra), sobre carvão, variam entre 7080 e 7580 cal BC – calibrada a 2 sigmas (Sousa e Gonçalves, 2015), Defesa de Cima (Évora), a datação

realizada sobre osso, varia entre 6075 e 6005 cal BC (Diniz, no prelo). Na prática, este conjunto de 5 datações aponta para uma ocupação destes povoados entre 7600 a 6000 cal BC, anteriores, por exemplo, a algumas das obtidas para os concheiros.

Quando recolhem, à superfície, escassos materiais arqueológicos, os arqueólogos estabelecem um primeiro quadro cronológico. Neste caso, um fragmento de cerâmica decorado com caneluras, no sítio arqueológico da Barroca 1, e um fragmento de cerâmica cardial na Chaminé 3, reportava-nos para contextos antigos, dentro do Neolítico...na realidade, como quase sempre em Arqueologia...estávamos a começar a encontrar mais uma peça de um puzzle que se começava a construir pois, como referem os autores do trabalho e estudo do sítio de Xarez 12 *“a associação entre uma indústria que possui muitos traços mesolíticos com a cerâmica, a fauna selvagem e doméstica e os fornos, coloca imediatamente um problema de homogeneidade, mas o facto de surgir em quatro distintos sítios da Baixa do Xarez poderá indicar que se trata de um contexto cultural específico e homogéneo”* (Gonçalves, Sousa e Marchand, 2013:531).

Apesar de inicialmente se ter colocado a hipótese de se estar perante uma ocupação do Neolítico antigo/médio, relacionado com o recinto megalítico das Fontainhas (que se situa nas proximidades), a relação de Barroca 1 com a Chaminé 3 não era de fácil compreensão (Rocha, 2009b; Alvim, 2012; Calado 2012b). Também a continuação dos trabalhos de prospecção em Mora, permitiu identificar outros sítios arqueológicos na área (Chaminé 1, Cemitério de Cabeção 2, Fontainhas 4, Fanica 2) com cerâmicas decoradas, típicas do Neolítico antigo da região, assim como uma indústria lítica coeva, ou seja, pedra polida, por vezes presença de mós, lascas e percutores (Calado, Rocha e Alvim, 2012).

No estado atual dos nossos conhecimentos e face às similitudes com os povoados anteriormente referidos, e à análise atenta das estruturas, estratigrafias e espólios (a existência de uma ocupação mesolítica, seguida de um hiato e de uma posterior ocupação neolítica, parece-nos, face a estes dados, difícil de conciliar atendendo também ao facto de, em toda a extensão sondada, coexistirem as indústrias micro-laminares e as cerâmicas lisas), temos de considerar que o povoado da Barroca 1 é anterior ao da Chaminé 3, com apenas um momento de ocupação, estando esta cronologicamente situada algures nos finais do VIII milénio/ VII milénio a. C, à semelhança das datações obtidas para os povoados anteriormente referidos.

**Bibliografia**

- ALVIM, P. (2012) – Chaminé: O povoamento neolítico na curva do rio. *O Tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora, 112-113.
- ARAÚJO, A.C. (2003) – O Mesolítico inicial da Estremadura. Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. *Trabalhos de Arqueologia*. 25. Lisboa: IPA, 101-114.
- ARNAUD, J. (1982) – Néolithique Ancien et processus de néolithisation dans le Sud du Portugal. *Archéologie en Languedoc*. Nº special, 29-48.
- BICHO, N; STINER, M; LINDLY, J; FERRING, A.R (2003) – O Mesolítico e o Neolítico antigo da costa algarvia. Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. *Trabalhos de Arqueologia*. 25. Lisboa: IPA, 15-22.
- CALADO, M. (2012a) – Entre a nascente e a foz: Neolitização e Calcolitização do Território de Mora. *O Tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora, 90-91.
- CALADO, M. (2012b) – Barroca: Neolítico e/ou Mesolítico. *O Tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora, 110-111.
- CALADO, M, ROCHA, L; ALVIM, P. (2007) - Neolitização e Megalitismo: o recinto megalítico das Fontainhas (Mora, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 10. Lisboa, IPA, 75-100.
- CALADO, M, ROCHA, L; ALVIM, P. (2012) - *O Tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora.
- CARDOSO, J.L; CARVALHO, A.F. (2003) – A estação do Neolítico antigo de Cabranosa (Sagres). Contribuição para o estudo da neolitização do Algarve. Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. *Trabalhos de Arqueologia* 25. Lisboa: IPA, 23-44.
- CARVALHO, A.F. (2003) – O Neolítico antigo no Arrife da Serra d`Aire. Um case-study da neolitização da Média e Alta Estremadura. Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. *Trabalhos de Arqueologia*. 25. Lisboa: IPA, 135-154.
- DINIZ, M. (2003) – O Neolítico antigo do interior alentejano: leituras a partir do sítio da Valada do Mato (Évora). Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. *Trabalhos de Arqueologia*. 25. Lisboa: IPA, 57-80.

- DINIZ, M. (2013) – Fossas, Fornos, Silos e outros meios de produção: acerca da implantação das práticas de produção no Neolítico antigo. *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 319 - 328.
- GONÇALVES, V.S. (2003) – Comer em Reguengos no Neolítico. As estruturas de combustão da área 3 de Xarez 12. Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. *Trabalhos de Arqueologia*. 25. Lisboa: IPA, 81-100.
- GONÇALVES, V.S; SOUSA, A.C; MARCHAND, G. (2013) – Na Margem do Grande Rio. Os últimos caçadores recolectores e as primeiras sociedades camponesas no Guadiana Médio. *Memórias d`Odiana. Estudos Arqueológicos do Alqueva*. 2ª Série. Évora: EDIA/ DRCALEN.
- OLIVEIRA, J. (2006) – *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. [s.l]: Edições Colibri/ Universidade de Évora.
- ROCHA, L. (2009a) – *O povoado pré-histórico da Chaminé 3 (Mora)*. Relatório final das escavações arqueológicas de emergência. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- ROCHA, L. (2009b) – *O povoado pré-histórico da Barroca 1 (Mora)*. Relatório final das escavações arqueológicas de emergência. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- SANTOS, F.J.C; CARVALHO, P.M.S. (2006) – *Defesa de Cima 2*. Relatório técnico científico dos trabalhos realizados. Lisboa: IGESPAR.
- SOUSA, A.C. (2008) – Arqueologia na A21. Uma análise preliminar dos trabalhos arqueológicos 2004-2007. *Boletim Cultural de Mafra*. Mafra, 411-497.
- SIMÕES, T. (2003) – A ocupação do Neolítico antigo de São Pedro de Canaferrim: novos dados em perspectiva. Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. *Trabalhos de Arqueologia*. 25. Lisboa: IPA, 115-134.
- SOARES, J. (1995) – Mesolítico - Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35:2. Porto, 27-45.
- SOARES, J; SILVA, C.T. (2003) – A transição para o Neolítico na costa sudoeste portuguesa. Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. *Trabalhos de Arqueologia* 25. Lisboa: IPA, 45-56.
- ZILHÃO, J. (1998) – A passagem do Mesolítico ao Neolítico na costa do Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:1. Lisboa: IPA, 27-44